

UNIFEV - CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOTUPORANGA
GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

GABRIELA SOARES
KATHARINI EUJACIA GOMES

ERA UMA VEZ: UMA LEITURA PSICANALÍTICA DO CONTO OS TRÊS
PORQUINHOS E SUAS REPRESENTAÇÕES INCONSCIENTES

VOTUPORANGA

2025

GABRIELA SOARES
KATHARINI EUJACIA GOMES

**ERA UMA VEZ: UMA LEITURA PSICANALÍTICA DO CONTO OS TRÊS
PORQUINHOS E SUAS REPRESENTAÇÕES INCONSCIENTES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Unifev - Centro Universitário de Votuporanga - para
a obtenção do grau de Psicologia, sob a orientação do
professor Esp. Renan Bandeira Dias.

Soares, Gabriela.

Era Uma Vez: Uma Leitura Psicanalítica do Conto Os Três Porquinhos e suas Representações Inconscientes. / Gabriela Soares; Katharini Eujacia Gomes. - Votuporanga. Ed. do Autor, 2025.

26 p., 30cm.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação - Bacharelado) - UNIFEV - Centro Universitário de Votuporanga, Curso de Psicologia, 2025.

Orientador: Prof. Esp. Renan Bandeira Dias.

1. Psicanálise. 2. Os três porquinhos. 3. Contos de fada. 4. Id, ego e superego. 5. Desenvolvimento psíquico. I. Gomes, Katharini Eujacia. II. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unifev.

Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

Bibliotecária Responsável: Marcia Faria Cavalcante - CRB-8/ 10706

UNIFEV - CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOTUPORANGA
GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

GABRIELA SOARES
KATHARINI EUJACIA GOMES

**ERA UMA VEZ: UMA LEITURA PSICANALÍTICA DO CONTO OS TRÊS
PORQUINHOS E SUAS REPRESENTAÇÕES INCONSCIENTES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Unifev - Centro Universitário de Votuporanga - para
a obtenção do grau de Psicologia, sob a orientação do
professor Esp. Renan Bandeira Dias.

Aprovado(a): 03/12/2025

Primeiro examinador
Dra. Carol Godoi Hampariam
Instituição: Unifev

Segundo examinador
Dr. Alexandre da Silva de Paula
Instituição: Unifev

Prof. Orientador
Esp. Renan Bandeira Dias
Instituição: Unifev

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE PSICOLOGIA

Aos três dias do mês de dezembro de dois mil e vinte e cinco, às dezenove horas e trinta minutos, realizou-se no local: CAMPUS CENTRO, do Centro Universitário de Votuporanga - Unifev, nas formas e termos regulamentais desta Instituição, a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado Era uma vez: Uma leitura psicanalítica do conto os três porquinhos e suas representações inconscientes de autoria de GABRIELA SOARES REGULA E KATHARINI EUJÁCIA GOMES. A sessão de defesa do trabalho deu-se sob o julgo da Banca Examinadora composta pelos docentes: Prof. ALEXANDRE DA SILVA DE PAULA, Prof.ª CAROL GODOI HAMPARIAM E RENAN BANDEIRA DIAS, e presidida por RENAN BANDEIRA DIAS. Iniciado os trabalhos, a presidência deu conhecimento aos membros da banca e ao(s) candidato(s) sobre as normas que regem a defesa do TCC e definiu-se a ordem a ser seguida pelos examinadores para a arguição. A seguir, houve a defesa do trabalho e, encerrada a apresentação, procedeu-se ao julgamento reservado, tendo sido o trabalho APROVADO. O parecer da banca examinadora, anunciado publicamente, ficou registrado conforme segue: A banca avaliadora julgou que o trabalho atende os critérios de um trabalho de conclusão de curso. Nada mais tendo a tratar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos membros da banca e autores do trabalho. Votuporanga, 03 de dezembro de 2025.

Assinaturas (5 pessoas)

Usuário	Função	Instituição	Lido em	Assinado em	IP
Katharini Eujácia Gomes	Aluno	UNIFEV	04/12/2025 18:53:55	04/12/2025 18:55:58	177.129.98.12
Gabriela Soares Regula	Aluno	UNIFEV	04/12/2025 18:53:19	04/12/2025 19:39:02	167.249.56.197
Alexandre da Silva de Paula	Banca	UNIFEV	04/12/2025 18:52:32	04/12/2025 20:45:21	187.43.195.127
Carol Godoi Hampariam	Banca	UNIFEV	04/12/2025 18:58:20	04/12/2025 18:58:24	170.246.186.17
Renan Bandeira Dias	Presidente	UNIFEV	04/12/2025 18:58:29	04/12/2025 18:58:35	104.28.63.146

*Banca realizada presencialmente e assinaturas coletadas via aceite eletrônico.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família, especialmente aos meus pais por todo o apoio nessa etapa.

Agradeço ao professor Renan Bandeira Dias pela orientação e compreensão durante o trabalho. Faço meu agradecimento também a Unifev, pelos conhecimentos transmitidos durante esses cinco anos.

E por fim, agradeço a minha avó, que mesmo tendo falecido, continuou me dando forças para seguir em frente.

Gabriela

Agradeço, primeiramente, ao meu orientador Renan Bandeira Dias, por ter acolhido o tema do trabalho com tanto zelo e compartilhar com tanto carinho seu conhecimento, oferecendo suporte em cada etapa, tornando todo o percurso mais leve.

À minha mãe, Ilta, que, ao me contar histórias antes de dormir - e tantas vezes inventá-las, me deu asas à imaginação, fazendo com que suas histórias contadas com tanto amor me ajudassem a criar raízes que também sustentam esse trabalho.

Aos meus amigos, Beatriz, Vinícius, Rafael e Ana - minha família escolhida pelo amor -, por me suportarem nas angústias, e, principalmente, por sempre me lembrarem da minha capacidade.

Ao meu analista, Alexander, que me guiou no caminho rumo à psicanálise, me (re)apresentando ao mundo dos contos de fada, me ensinando a acolher também em mim, o infantil.

E ao meu pai, Daniel, cuja paixão pela leitura deixou marcas profundas que hoje me ajudam a escrever esse trabalho como continuação da minha própria história. Embora não esteja mais presente fisicamente, sua presença me acompanha não só entre as páginas desse trabalho, mas também ilumina caminhos que ainda estou por escrever.

Katharini

ERA UMA VEZ: UMA LEITURA PSICANALÍTICA DO CONTO OS TRÊS PORQUINHOS E SUAS REPRESENTAÇÕES INCONSCIENTES

Gabriela Soares¹

Katharini Eujacia Gomes²

Renan Bandeira Dias³

Resumo:

O presente trabalho tem como objetivo analisar o conto “Os Três Porquinhos” com ênfase na Segunda Tópica postulada por Sigmund Freud (Id, Ego e Superego), articulada às contribuições de Donald W. Winnicott. Trata-se de uma revisão integrativa de literatura, realizada com base nos escritos de Sigmund Freud, Bruno Bettelheim e Diana Lichtenstein Corso & Mário Corso, utilizando os descritores “psicanálise”, “contos de fadas”, “Os Três Porquinhos”, “id”, “ego” e “superego”. Foram selecionados textos que abordam a função simbólica dos contos de fadas, a constituição psíquica e as representações inconscientes. A análise evidenciou que o conto “Os Três Porquinhos” pode ser compreendido como uma narrativa simbólica do desenvolvimento psíquico, na qual o conto representa diferentes posições subjetivas em relação ao Princípio de Prazer e ao Princípio de Realidade. Conclui-se que a narrativa oferece um cenário privilegiado para a elaboração de conflitos inconscientes e para a passagem de formas mais primitivas de funcionamento psíquico para modos mais integrados de subjetivação.

Palavras-chave: psicanálise; Os Três Porquinhos; contos de fada; Id, Ego e Superego; desenvolvimento psíquico.

Abstract:

This study aims to analyze the fairy tale “The Three Little Pigs”, with emphasis on Sigmund Freud’s Second Topography (Id, Ego, and Superego), articulated with the contributions of Donald W. Winnicott. This is an integrative literature review based on the writings of Sigmund Freud, Bruno Bettelheim, and Diana Lichtenstein Corso & Mário Corso, using the descriptors “psychoanalysis”, “fairy tales”, “The Three Little Pigs”, “id”, “ego”, and “superego”. The selected texts address the symbolic function of fairy tales, psychic constitution, and unconscious representations. The analysis showed that “The Three Little Pigs” can be understood as a symbolic narrative of psychic development, in which the tale represents different subjective positions in relation to the Pleasure Principle and the Reality Principle. It is concluded that the narrative provides a privileged setting for the elaboration of unconscious conflicts and for the transition from more primitive forms of psychic functioning to more integrated modes of subjectivation.

¹ Centro Universitário de Votuporanga (Unifev). Votuporanga, São Paulo, Brasil. Bacharel em Psicologia
Email: gabisoares18122001@gmail.com

² Centro Universitário de Votuporanga (Unifev). Votuporanga, São Paulo, Brasil. Bacharel em Psicologia
Email: katharini.gomes@hotmail.com

³ Docente do curso de Psicologia do Centro Universitário de Votuporanga - Unifev. Votuporanga. São Paulo.
Brasil. Email: renanbandeira@outlook.com

Keywords: psychoanalysis; The Three Little Pigs; fairy tales; Id, Ego and Superego; psychic development.

1 INTRODUÇÃO

Há muito mais tempo do que se tem registro, os contos de fada ocupam um lugar central na formação cultural e moral das sociedades. Os contos são muito mais que narrativas infantis, são memórias e histórias que agem como instrumentos simbólicos e transmitem valores e crenças de geração em geração. Dessa forma, os contos desempenham um papel fundamental: Ajudar a construir a identidade social do ser humano. Eles auxiliam no processo de internalização de valores e normas sociais, representando de forma lúdica, simbólica e acessível desejos e impulsos que são comuns a todos os seres humanos, e, também, sugerindo formas de integração entre esses elementos.

O mundo real é permeado por sentimentos complexos da vida, que geralmente são difíceis de enfrentar - o medo, o desejo e o conflito são exemplos deles. Esses sentimentos acompanham a humanidade desde o início de sua vida, ou, mais precisamente, desde a infância. E é nesse ponto que os contos de fada adquirem um valor ímpar: eles oferecem aos seus leitores e ouvintes narrativas simbólicas que, por meio de uma linguagem simples e acessível, representam diferentes fases do desenvolvimento humano e podem ser compreendidas por pessoas de qualquer idade. Dessa forma, cada elemento fantástico ou simbólico presente nesses contos carrega significados que podem ser relacionados às dinâmicas inconscientes descritas por Freud, em sua teoria Psicanalítica, e posteriormente, explicadas por ele.

Pelo fio condutor da perspectiva psicanalítica, os contos de fada são considerados poderosos instrumentos, inicialmente de projeções e posteriormente de elaborações inconscientes, que reverberarão também no consciente. Quando Freud apresenta a Segunda Tópica, propõe três instâncias psíquicas: Id, Ego e Superego. O Id se apresenta representando os impulsos primitivos e desejos; o Superego, incorpora normas morais e as internaliza; e o Ego, age como mediador entre os desejos do Id e as exigências da realidade.

Dessa forma, todos os elementos contidos nos contos operam como metáforas para elementos do mundo real, permitindo então que a criança, e o adulto, simbolizem, integrem e internalize-os em sua própria trajetória de desenvolvimento.

Assim, o conto “Os Três Porquinhos” revela-se como um excelente objeto de análise, permitindo que seja feita uma interpretação simbólica entre os conceitos de Id, Ego e Superego a cada um dos três porquinhos, relacionando-os com as dinâmicas psíquicas de cada um deles.

Por fim, a proposta desse estudo se estende para além de analisar o conto como uma narrativa popular, mas sim como uma expressão do simbólico.

Diante disso, este trabalho propõe-se a investigar de que maneira os contos “Os Três Porquinhos” pode ser compreendido como representação simbólica do desenvolvimento psíquico. Assim, busca-se responder a seguinte questão: de que modo o conto “Os Três Porquinhos” pode ser interpretado como uma representação simbólica do desenvolvimento psíquico ao longo das fases da vida – e como essas fases se relacionam com as instâncias psíquicas do Id, Ego e Superego.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Analisar o conto dos Três Porquinhos e cada um dos três personagens, bem como o lobo, a partir dos conceitos psicanalíticos freudianos. Além disso, destacar a importância que esse conto tem enquanto representação de conteúdos psíquicos.

2.2 Objetivos específicos

- Conceituar os contos de fada em uma linha temporal, sendo possível localizar sua possível origem e função;
- Apresentar a importância dos contos de fada na leitura de Freud;
- Apresentar a história original do conto Os Três Porquinhos;
- Analisar psicanaliticamente como contos de fada, em especial “Os Três Porquinhos” apresentam, de forma simbólica, aspectos da constituição psíquica que são comuns a todos os seres humanos.

3 METODOLOGIA

O trabalho trata-se de uma revisão integrativa de literatura, de natureza qualitativa, voltada à compreensão das representações inconscientes nos contos de fada, com foco no conto “Os Três Porquinhos”. A busca bibliográfica foi realizada entre fevereiro e novembro de 2025, nas bases Google Acadêmico e SciELO, e os materiais selecionados abrangem publicações entre 1898 e 2021. Foram utilizando os descritores: psicanálise; contos de fada; representações inconscientes; Os Três Porquinhos; id; ego; superego e desenvolvimento psíquico, em português e inglês.

Foram incluídos artigos, livros e capítulos que abordassem: (a) fundamentos psicanalíticos relativos à constituição psíquica; (b) análises psicanalíticas dos contos de fada; e (c) discussões sobre o conto os “Os Três Porquinhos” e sua função simbólica. Foram excluídos materiais sem diálogo com a psicanálise ou que se limitassem a abordagens pedagógicas sem interface teórica com o tema. Ao final, foram selecionados textos que atendiam aos critérios estabelecidos, além das obras de referência clássica de Sigmund Freud, *A Psicanálise dos Contos de Fada*, de Bruno Bettelheim (1976), e *Fadas no Divã*, de Diana Lichtenstein Corso e Maria Corso (2006).

Para a organização, leitura e interpretação do material, adotaram-se os procedimentos próprios de uma revisão integrativa de literatura, que foi conduzida conforme as seis etapas propostas por Souza, Silva e Carvalho (2010): (1) elaboração da pergunta norteadora; (2) busca ou amostragem na literatura; (3) coleta de dados; (4) análise crítica dos estudos incluídos; (5) discussão dos resultados; e (6) apresentação da revisão integrativa.

Dessa forma, a partir de uma perspectiva psicanalítica foi possível reunir, comparar e interpretar as diferentes contribuições presentes na literatura, compreendendo como o conto “Os Três Porquinhos” expressa, em linguagem simbólica, a passagem das formas mais primitivas de funcionamento psíquico para modos mais integrados de organização do sujeito.

4 REVISÃO DE LITERATURA

Nos dias de hoje, as crianças têm acesso ilimitado a internet, mas os contos de fadas ainda têm grande importância em suas vidas, e são contados pelas gerações anteriores para as próximas. Em pesquisas, os contos já aparecem na antiguidade, e se mostram importantes na vida das pessoas. Os contos de fadas têm participação em vários países e mesmo antes de serem

escritos, já faziam parte da cultura e espiritualidade de diversas sociedades (Melli; Giglio, 1999; Oliveira, 1993).

4.1 A história dos contos de fada

Pesquisas antigas apontam que os contos de fadas têm origem céltica (século II a.C.), mas essa constatação não é unânime. De acordo com Hisada (1998), os textos de Platão se referiam a mulheres idosas que contavam esses contos para as crianças e com isso passavam seus valores. Ela também fala sobre Apuleio (filósofo do século II d. C), que é autor da história o Asno de Ouro, muito parecida com a Bela e a Fera e por fim cita que foram encontrados papiros antigos que possuíam contos como irmãos Anúbis e Bata. Os contos no princípio não eram destinados as crianças, pois continham cenas de adultério, morte, e canibalismo, por exemplo, fatores que compunham a imaginação dos adultos. Souza (2005) afirma que os contos são componentes das relações entre os homens e suas crenças no sobrenatural. Essas histórias eram contadas por narradores profissionais que tinham essa função, ou eram transmitidas por pessoas comuns para as suas famílias. As narrações ocorriam em diversos lugares, como as lavouras, casas de chá ou salas de fiar. (Radino, 2001, 2003).

A partir da descoberta da infância, os contos que antes eram destinados aos adultos, passam a conter elementos infantis que estão ligados a imaginação da criança (Ariés, 1981, p. 11). Os contos como são conhecidos hoje, surgiram entre os séculos XVII e XVIII, na Europa, principalmente nos países da França e Alemanha (Lubetsky, 1989).

Naquela época a igreja passava pela Contrarreforma, onde os contos possuíam um viés da “Moral Vitoriana”, e eram controlados rigidamente com as questões sexuais, levando em conta que ainda nesse período não havia o conceito de infância. Perrault (1628-1703) era um autor que coletava essas histórias, ele registrava os contos e os adaptava para as vontades da corte francesa, censurando aspectos da cultura pagã e da sexualidade.

Os seus contos possuíam mensagens morais explícitas, com a finalidade de orientação para aqueles que ouvissem a história. Ele escrevia contos de fadas, mas as fadas quase não apareciam nos contos. Ao invés disso, ele preferiu personagens mais humildes como lenhadores, damas, cavaleiros etc. Uma característica importante de seus contos, é que Perrault retratava as paisagens francesas e sua atmosfera. A sua obra mais famosa foi publicada em torno de 1697, chamada de Os contos da mamãe gansa, onde apresenta uma versão da história da Chapeuzinho Vermelho que no final o lobo que tem a vitória. Também estão nessa obra os contos *A Bela Adormecida*, *Barba Azul*, *O Gato de Botas*, *As Fadas*,

Cinderela e O Pequeno Polegar (Figueiredo, 1998; Góes, 1991; Lima, 2015; Lubetsky, 1989; Oliveira, 2001; Radino, 2003; Silva, 2004; Souza, 2005).

De acordo com escritos, o movimento romântico da época influenciou em uma abordagem mais humanista nos contos (Góes, 1991). Então as histórias escritas por Perrault deixam de ter um caráter violento e passam a ter um viés mais humanista, parecidos com os contos dos irmãos Grimm, que trazem solidariedade e amor. Ele ainda mantém algumas características violentas, como a figura do lobo e da bruxa, porém no final esses personagens não saem vitoriosos e a história tem um final feliz.

Muitos contos também foram criados pelos irmãos Grimm, Jacob Grimm (1785-1863) e Wilhelm Grimm (1786-1859). Eles passaram a coletar e estudar contos de origem alemã e francesa que eram contados oralmente pela população (Robinson, 2004). Após essa coleta, eles publicaram (1812-1822) cerca de 210 histórias em três volumes. Os seus contos possuem elementos como príncipes encantados, madrastas malvadas e casas feitas de doces.

Alguns contos foram traduzidos para a língua portuguesa, entre eles está a *Gata Borralheira*, *Chapeuzinho Vermelho* e *A Bela e a Fera*. Os irmãos Grimm viajavam a Alemanha e traduziam as histórias de lendas e fábulas populares. A diferença entre eles e Perrault é que os irmãos não adaptavam as histórias, mantendo-as na versão original (Hisada, 1998; Lima, 2015; Lubetsky, 1989; Oliveira, 2001; Radino, 2003; Silva, 2004; Souza, 2005).

O autor Hans Christian Andersen (1805-1875), ficou famoso por escrever contos especificamente para crianças. Diferente dos autores da época, ele não adaptava as histórias para o público infantil, e sim as criava exclusivamente. Para a criação das histórias, ele teve a influência de contos narrados por seu pai, e utilizou do sofrimento de crianças pobres para compor as suas histórias e soube como retratar exatamente os desejos da população (Corso; Corso, 2005, 2006; Lima, 2015; Radino, 2003; Souza, 2005).

Os contos de fadas independentemente de serem antigos ou modernos, tem um grande papel na infância das crianças. Em Portugal e no Brasil, os contos surgiram em torno do século XIX, chamados de Contos da Carochinha. No Brasil, um autor de destaque é o Monteiro Lobato, criador de histórias fantásticas destinadas ao público infantil.

4.2 A importância dos contos de fada

Os contos são histórias fantasiosas que fazem parte da infância, onde eram contadas pelas amas, governantas e cuidadoras, que passavam esses relatos adiante e perpetuavam a cultura daquela sociedade. Os contos de fadas são diferentes das outras histórias infantis porque possuem elementos mágicos, a busca pela realização pessoal do herói e uma série de dificuldades que este tem de passar (Caldin, 2002; Oliveira, 2001; Radino, 2003; Turkel, 2002). Bettelheim ([1976]; 2021) afirma que os contos têm como enredo um dilema existencial.

Os contos possuem quatro características fundamentais: a travessia, que é a viagem para o mundo mágico; o enfrentamento das dificuldades; o obstáculo que precisa ser vencido; e, por fim a comemoração da vitória (Cashdan, 2000). Nesses contos os elementos inimagináveis, como os encantamentos e a magia, estimulam a mente humana (Bettelheim, [1976]; 2021; Hisada, 2003; Radino, 2003).

Para Radino (2003), Monteiro Lobato dizia que as histórias transformam as crianças, pois elas desenvolvem pensamento crítico e exercitam a imaginação. A literatura infantil atual, serve de base para a compreensão da construção da infância (Hillesheim; Guareschi, 2006; Zilberman, 1998).

Os pesquisadores apontam para essa teoria, porque afirmam que a criança se conecta aos contos que estão relacionados a sua época. Para Hillesheim; Guareschi (2006) os contos auxiliam em configurações nas crianças, narrando sobre culpa e irracionalidade, fazendo com que haja um controle sobre os corpos. Por ser uma produção artística, gera várias sensações e emoções, principalmente o “estranhamento”. Zilberman (1998) afirma que as histórias contemporâneas são baseadas em vivências de todo o mundo. Os contos de fadas não possuem mais apenas a função de distrair as crianças, mas também de despertar a fantasia no sujeito, assim se transformando em objeto de estudo para a pedagogia, a psicologia, e a psicanálise, por exemplo.

4.3 A importância dos contos de fada na leitura de Freud

Como citado anteriormente, os contos de fada quando lidos ou mesmo ouvidos desempenham uma importante função que se desdobra para além de mero entretenimento, distração ou acalanto ao sono. Bettelheim ([1976]; 2021) postula que esses contos

desempenham por si uma função psíquica valiosa no mundo interno de quem os escuta, lê ou mesmo, entra em contato com ele de alguma maneira.

Dessa forma, os contos auxiliam a criação de um tipo de cenário imaginário, onde os sentimentos e pensamentos - mesmo aqueles que ainda não compreendemos completamente - podem ser expressos de maneira indireta. Segundo Bettelheim ([1976]; 2021), esses contos oferecem à criança um modo de compreender, em forma de linguagem simbólica, os conflitos e desejos próprios de seu desenvolvimento emocional. Ensinam, de maneira sutil a lidar, inclusive, com sua própria agressividade⁴.

Assim, o conto adquire o poder de transformar o que é angustiante em algo que pode ser pensado e elaborado, permitindo à criança, e o adulto - já que o infantil também o habita - reconhecer aspectos de si mesma nas figuras e situações propostas pelo conto.

Corroborando com essa ideia, Freud ([1900]; 2019) quando analisou os sonhos de seus pacientes, demonstrou que o inconsciente é capaz de se expressar por diversas vias, uma delas por representações simbólicas, que tem o poder de transformar desejos e angústias reprimidas em cenas e figuras mais digeríveis e menos angustiantes. Isso também ocorre nos contos de fada, por exemplo, quando figuras de bruxas ou mesmo heróis aparecem em outra roupagem, menos aterrorizante para a criança.

Mesmo as provações que os contos propõem parecem ser apresentadas de forma a sugerir soluções posteriores para um conflito. Dessa forma a angústia é apresentada com pitadas de esperança. Winnicott (1975) observou que esse processo de simbolização ocorre em um espaço cunhado por ele de espaço potencial. Em sua teoria, Winnicott discorre sobre a ideia de esse espaço oferecer ao indivíduo - criança ou adulto, pois, como descrito por ele “[...] O brincar de crianças, aplica-se também aos adultos” (Winnicott, 1975. p 61) - a possibilidade de experimentar (novas) emoções e criar significados próprios para cada uma delas, bem como desenvolver sua criatividade sem se afastar completamente da realidade. Esse processo é análogo ao brincar.

O brincar facilita o crescimento e, portanto, a saúde; o brincar conduz aos relacionamentos grupais; o brincar pode ser uma forma de comunicação na psicoterapia; finalmente, a psicanálise foi desenvolvida como uma forma altamente

⁴ Para Freud ([1920]; 2010) a agressividade não se reduz meramente a um traço negativo ou mesmo patológico. Ela é descrita como uma força pulsional interna que é intrínseca à natureza humana. Essa força é manifestada pelo que Freud postulou como pulsão de morte (Thanatos) em oposição à pulsão de vida (Eros). Freud também destacou o fato de que essa agressividade pode ser direcionada - para o exterior ou mesmo, para o próprio indivíduo. Ressalta-se também em seu texto a função necessária que esse conceito desenvolve - a agressividade é necessária para a vontade de viver. Em sua ausência, o indivíduo corre o risco de se tornar apenas passivo. Além disso, ela também desenvolve a função de controle social, pois está envolta na sociedade através de normas, culturas e leis.

especializada do brincar, a serviço da comunicação consigo mesmo e com os outros. O natural é o brincar. (Winnicott, 1975, p. 63).

Portanto, assim como o brincar, ouvir ou ler um conto de fadas permite que cada ser humano entre em contato com seus sentimentos e fantasias de modo seguro, ou mesmo, não tão angustiante.

Dando continuidade, para compreender de que modo os contos de fadas auxiliam no processo de elaboração psíquica, é necessário recorrer a fundamentos teóricos que expliquem como se constitui a vida emocional e simbólica do sujeito.

Freud ([1915]; 2010), em *O Inconsciente*, explica que a vida psíquica é regida por várias vias. Ela não é guiada somente pela razão ou mesmo pela consciência, pois, existe uma instância - o inconsciente, em nosso psiquismo. Essa parte segue uma lógica diferente, pois não obedece às regras racionais do pensamento consciente. Por conta disso, é possível observar sua manifestação de modo sutil, mas potente. Observamos a existência do inconsciente em sonhos, atos falhos, chistes, lapsos, inibições, sintomas e em mecanismos como a condensação e o deslocamento, por exemplo. No processo onírico, Freud ([1900]; 2010) explica que a condensação permite que múltiplos conteúdos psíquicos sejam reunidos em uma única imagem ou cena, enquanto o deslocamento transfere a carga afetiva de um elemento para outro.

Esses mecanismos, são encontrados também nos contos de fada uma vez que suas histórias mobilizam e tem o poder de transformar conteúdos inconscientes em histórias simbólicas. Ou seja, é oferecido a criança recursos para pensar e elaborar seus próprios conflitos de modo indireto.

Por fim, a mensagem que o conto de fadas oferece à criança é a de que sempre existirão dificuldades na vida e que isso é inevitável, e, além disso, uma parte intrínseca do ser humano. Mas, é possível não se intimidar e ter artifícios para lutar contra as provocações inesperadas, ou mesmo injustas, podendo assim vencer obstáculos e até mesmo, sair vitoriosa (Bettelheim, [1976]; 2021).

Nada é tão enriquecedor e satisfatório, seja para a criança, seja para o adulto, do que o conto de fadas popular. É bem verdade que, num nível manifesto, os contos de fadas pouco ensinam sobre as condições específicas da vida na moderna sociedade de massa; eles foram inventados muito antes do seu surgimento. No entanto, por meio deles pode-se aprender mais sobre os problemas íntimos dos seres humanos e sobre as soluções corretas para suas dificuldades em qualquer sociedade do que com qualquer outro tipo de história compreensível por uma criança. [...]. Justamente porque a vida é com frequência desconcertante para a criança, ela necessita mais ainda que lhe sejam dada oportunidade de entender a si própria nesse mundo complexo com o qual deve aprender a lidar. [...]. Necessita de ideias sobre como colocar ordem na sua casa interior, e com base nisso poder criar ordem na sua vida. Necessita, de uma educação moral que, de modo sutil e só implicitamente, a conduza às vantagens do comportamento moral, não por meio de conceitos éticos abstratos, mas daquilo que

lhe parece tangivelmente correto e, portanto, significativo. A criança encontra esse tipo de significado nos contos de fadas (Bettelheim, [1976]; 2021, p. 11-12).

É relevante diferenciar, contudo, o conceito de ‘infantil’ do uso da palavra ‘criança’. Tanis (2021) diz que o conceito de ‘infantil’ não se reduz à infância cronológica ou a fases do desenvolvimento. Ele se refere a uma camada da realidade psíquica que permanece viva no sujeito - um testemunho inconsciente de experiências primeiras e modos de inscrição que estruturam a subjetividade. É, portanto, uma marca atemporal, mais do que uma memória arquivada pois continua atuando no presente da vida psíquica.

A noção de criança, nesse contexto, nomeia a dimensão do brincar, tal como desenvolvido por Winnicott (1975) em *O brincar e a realidade*. O autor exemplifica seu conceito dizendo que o brincar é uma experiência criativa que acontece no espaço simbólico da criança. Esse espaço das condições em que a criança expresse livremente seus sentimentos, conflitos e desejos, transformando-os e tornando-os compreensíveis e acessíveis para ela. O brincar é, portanto, uma forma de elaboração emocional, pois permite que a criança experimente o mundo e a si mesma de modo simbólico e seguro.

Nesse sentido, os contos de fada se articulam com ambos os conceitos, funcionando não apenas como expressão do infantil, como também um campo de experiência criativa no qual a criança, ao brincar com as narrativas, aprende a lidar com as suas angústias e fantasias⁵.

Freud ([1908]; 2015), em *O escritor e a Fantasia* afirma que a atividade de fantasiar é a continuação do brincar infantil, socialmente legitimada através da criação literária. Nessa perspectiva, os contos de fada oferecem um espaço privilegiado em que as fantasias inconscientes podem ser expressas de forma compartilhada, permitindo que o sujeito elabore, quantas vezes se façam necessárias, seus conflitos internos. No ensaio “*Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico*”, Freud ([1911]; 2010) propõe que o aparelho psíquico inicia sua atividade sob o comando do princípio do prazer, no qual o sujeito busca satisfação imediata e evita desprazer. Quando esse mecanismo falha - ou seja, quando a satisfação esperada não ocorre - instaura-se uma decepção que exige uma outra forma de funcionamento: o princípio de realidade, que implica representar “o que é” e não apenas “o que agrada”.

Nessa perspectiva, os contos de fada - com enfoque especial no conto dos Três

⁵ Segundo Roudinesco e Plon (1998), o termo “fantasia” corresponde à noção de realidade psíquica. Freud exemplifica que esse conceito se desdobra em três momentos: Primeiro, parte de uma impressão atual marcada por uma insatisfação presente, que desperta o desejo não realizado; em seguida, busca no passado uma experiência em que tal desejo tenha sido satisfeito; e, por fim, projeta no futuro uma cena imaginária na qual a insatisfação do presente se converte em realização desejada.

Porquinhos - podem ser compreendidos como um movimento simbólico. Nele, há a passagem do Princípio de Prazer em construir uma casa “rápida e leve”, para o encontro com o Princípio da Realidade onde, com a figura do lobo, instaura-se o perigo e a necessidade de uma construção mais sólida. Assim, a história se constitui também enquanto uma metáfora para a emergência do ego, que aprende que nem tudo que agrada pode ser realizado sem levar em conta o mundo externo. Em termos freudianos, o Ego opera sob o Princípio da Realidade, agindo como mediador dos desejos do Id e as exigências externas.

Dando continuidade, conceitos fundamentais e inerentes as condições humanas como a vivacidade, a angústia e o complexo de Édipo também são observados de modo recorrente nos contos, consequentemente, no conto dos Três Porquinhos. A vivacidade, refere-se à pulsão de vida (Eros), descrita por Freud em ([1920]; 2010) em *Além do princípio do prazer*. Ele se refere a esse conceito como sendo a força motriz por trás do desejo de viver, da busca por prazer e satisfação ressaltando que a nossa energia vital pode ser investida em vários objetos durante a nossa vida - ela nos impulsiona rumo a busca por satisfação.

No conto, isso pode ser observado em cada porquinho, uma vez que cada um deles dispõe de uma quantidade de libido para investir em cada um dos objetos - suas casas. Revela-se também importante destacar uma parte específica do conto, parte essa onde o lobo aparece para ameaçar a vida dos porquinhos, tentando destruir suas casas e posteriormente, devorá-los. É fato que a repetição do comportamento do lobo inicialmente provoca medo na criança, mas, ao ser retomada inúmeras vezes permite que ela transforme esse sentimento no decorrer do conto. A angústia que surge diante da ameaça do lobo pode ser compreendida em *Inibição, sintoma e angústia* onde Freud ([1926]; 2014) introduz o conceito de angústia-sinal, entendida como uma resposta antecipatória do eu diante de um perigo. Dessa forma, essa angústia se constitui como um mecanismo defensivo, um alerta antecipatório frente a uma possível experiência de desamparo, ligadas principalmente a perda de um objeto. Ainda que a figura do lobo possa ser interpretada como angustiante Bettelheim ([1976]; 2021), justifica a importância dessa figura no conto.

Muitos pais acreditam que só a realidade consciente ou imagens agradáveis e otimistas deveriam ser apresentadas à criança - que ela deveria se expor ao lado agradável das coisas. Mas essa dieta unilateral nutre apenas unilateralmente o espírito, e a vida real não é só sorrisos. Há uma recusa generalizada a permitir que as crianças saibam a fonte de tantos insucessos na vida está na nossa própria natureza - na propensão de todos os homens para agir de forma agressiva, antissocial e egoísta. [...]. Entretanto, as crianças sabem que elas não são sempre boas (Bettelheim, [1976]; 2021, p. 15).

Dessa forma, é ofertado até mesmo a possibilidade de que algumas crianças se identifiquem com a figura do lobo, pois ela pode ser compreendida como uma expressão projetiva da própria agressividade.

Por fim, o complexo de Édipo, explorado por Freud ([1923]; 2011) em *O Ego e o Id* aparece simbolicamente em inúmeras histórias. Essa triangulação pode se manifestar de diferentes maneiras. No conto analisado, essa dinâmica fica mais evidente na relação entre os irmãos e na construção de suas casas, pois, enquanto os dois primeiros porquinhos permanecem à mercê do prazer imediato, não aceitando a interferência de um terceiro ameaçador - Lobo, em sua relação, o terceiro porquinho se coloca em duas posições importantes: a de não aceitar a presença de uma instância que o limita e de edificar algo sólido e duradouro a partir disso.

4.4 História do conto Os Três Porquinhos

De acordo com Melli e Giglio (1999), os contos de fadas possuem origem na tradição oral do folclore europeu, o que significa que suas narrativas circularam muito antes de serem registradas por escrito, e por conta disso, *Os Três Porquinhos*, não tem um autor definido, uma vez que decorre de histórias populares que foram transmitidas coletivamente ao longo dos séculos.

Um dos primeiros registros dessa tradição aparece na obra de James Orchard Halliwell, especialmente em *Nursery Rhymes of England* (1843), na qual o autor compilou rimas e pequenos relatos provenientes do folclore britânico (HALLIWELL, 1843).

Décadas depois, Joseph Jacobs retomou esse material folclórico em *English Fairy Tales* (1890), reunindo e reorganizando diversas dessas narrativas. É importante destacar que, assim como Halliwell, Jacobs não criou o conto, mas adaptou e estruturou versões orais já existentes.

A partir dessas compilações, inúmeras versões do conto foram produzidas ao longo do século XX, sendo a adaptação da Disney (1933) a que alcançou maior difusão cultural. Essa versão merece destaque, pois introduz elementos que se distanciam do conto de fadas usado nesse trabalho, apresentando assim uma versão mais fantasiosa e distinta do mundo real. De acordo com Disney (1933) a história apresenta os três irmãos *Fifler Pig*, *Fiddler Pig* e *Practical Pig*⁶ que decidem construir suas casas com uma finalidade primordial: conseguirem se proteger do Lobo Mau. A trama carrega elementos em comum, uma vez que os porquinhos constroem casas de palha, madeira e tijolos respectivamente. Entretanto, algo nessa versão se diverge: os dois primeiros porquinhos tem suas vidas poupadas pelo lobo e são acolhidos por seu irmão mais velho, que somente o derrota, vivendo assim felizes para sempre.

⁶ Os nomes *Fifer Pig*, *Fiddler Pig* e *Practical Pig* foram mantidos em inglês por corresponderem às denominações originais dos personagens no curta-metragem *Three Little Pigs* (1933), produzido pelos estúdios Walt Disney.

A esse respeito, neste trabalho, utilizamos a versão adaptada por Jacobs como referência, não só por sua estabilidade e clareza narrativa, mas também por ser a mais reconhecida em estudos literários e psicanalíticos. Também é importante ressaltar que para fins de acessibilidade e padronização da escrita acadêmica, adotamos a tradução em língua portuguesa publicada pela Coleção Expresso Zahar, traduzida por Maria Luiza X. de A. Borges (2012), que mantém integralmente os elementos essenciais da história sem prejuízo à análise psicanalítica realizada

Dessa forma, esse conto também explora a história de uma família de porquinhos, mas de uma maneira diferente. Nesse cenário, existia a mãe porca com seus três porquinhos, que nessa versão, não tinha muitos recursos para sustentá-los e por conta disso manda-os para fora de casa em busca de suas sortes. A trama persiste com elementos em comum, ao passo que o primeiro dos porquinhos construiu uma casa de palha; o segundo seguiu um caminho um pouco diferente, construindo uma de tojo; e o terceiro, por fim, uma de tijolos.

O primeiro porquinho, que construiu sua casa de palha, teve a casa destruída pelo lobo e foi devorado por ele. O segundo, que construiu a casa de tojo, teve o mesmo fim - sua casa soprada pelos ares, e em seguida, ser devorado pelo lobo. O lobo tentou também, colocar a casa do terceiro porquinho para baixo várias vezes, mas não teve êxito, pois esse foi capaz de construir sua casa de tijolos. A partir disso, começou a tentar barganhar com o porquinho, na esperança de que ele saísse da casa e pudesse ser então, devorado.

Assim, primeiro disse ao porquinho que sabia onde existia um belo campo de nabos, e o convidou para ir junto. Combinaram então, as seis da manhã. O porquinho astuto, levantou-se as cinco, chegou nos nabos antes do lobo e chegou em casa por volta das seis. O lobo quando descobriu, ficou muito irritado, querendo de qualquer forma devorar o porquinho. Disse a ele que sabia onde havia uma bela macieira, e assim combinou então de buscar o porquinho as cinco horas.

Na manhã seguinte, o porquinho pulou da cama as quatro e foi colher as maçãs, esperando estar de volta antes do lobo voltar. Porém, o caminho era longo e ele teve que subir nas árvores, e no instante em que ia descer, viu o lobo se aproximando e ficou muito apavorado. O lobo então bateu na porta e perguntou ao porquinho como ele havia chegado antes dele. O porquinho respondeu que as maçãs eram ótimas, e de onde estava, jogou uma para o lobo que foi para muito longe conseguir apanhá-la, dando a chance de o porquinho voltar para a casa em segurança.

No dia seguinte, o lobo apareceu novamente, convidando-o para ir a uma feira na aldeia. O porquinho concordou, dizendo que ia. Combinaram as três. Como de costume, o porquinho foi primeiro e quando chegou a feira, comprou uma desnatadeira. Quando chegou em casa, viu o lobo se aproximando, e assustado, sem saber o que fazer, enfiou-se dentro dela e desceu rolando morro abaixo. O lobo ficou tão assustado que saiu correndo sem ir a feira.

O lobo então foi a casa do porquinho contar-lhe o quanto havia ficado assustado com uma coisa redonda enorme passando por ele morro abaixo, e o porquinho então disse que aquela coisa era ele, e escancara que lobo que o assustou. O lobo então ficou muito irritado, declarando que iria devorar o porquinho, e que para isso, entraria pela chaminé. Na mesma hora, o porquinho pendurou na lareira um caldeirão cheio de água e fez embaixo dele um fogaréu muito alto. Dessa forma, quando o lobo estava descendo pela chaminé, o porquinho abriu a panela e o lobo foi parar diretamente lá dentro.

Dessa forma, o porquinho não só segurou o lobo dentro da panela e o tampou, como também o cozinhou e comeu-o no jantar.

4.5 Primeira e segunda tópica freudiana

Para uma leitura aprofundada do conto Os Três Porquinhos é necessário recorrer às formulações de Freud sobre a estrutura e o funcionamento do aparelho psíquico. Na sua primeira tópica desenvolvida em *A Interpretação dos Sonhos*, Freud ([1900]; 2019) propõe a divisão do psiquismo em três sistemas: inconsciente, pré-consciente e consciente. Esses três conceitos operam em constante dinâmica e de maneira articulada.

O inconsciente é o núcleo mais primitivo e profundo. Nele se alojam os impulsos, desejos e afetos que são reprimidos com o passar das experiências vividas, esse sistema busca satisfação imediata e não se estrutura a partir da lógica temporal e cronológica.

Já o pré-consciente funciona de maneira distinta. Nele, certos conteúdos têm a chance de emergir à consciência, desde que passem pelo filtro da censura.

Por fim, o consciente representa o contato com a realidade que está externa, operando de forma mais lógica.

Em *Além do Princípio do Prazer*, Freud ([1920]; 2010) apresenta sua Segunda Tópica - tendo seus conceitos sistematizados em *O Ego e o Id* ([1923]; 2011). Nela, Freud reformula seu modelo, propondo três instâncias psíquicas: Id, Ego e Superego.

O Id é a instância pulsional, regida pelo Princípio do Prazer⁷, que busca descarga imediata de tensão e satisfação instintiva, geralmente, no corpo. No conto, o Id pode ser claramente observado na atitude dos dois primeiros porquinhos, que constroem casas frágeis, movidos por um desejo de prazer imediato: brincar, descansar e evitar esforço.

⁷ O princípio do prazer refere-se à tendência fundamental do aparelho psíquico de buscar a satisfação imediata das pulsões e evitar o desprazer. É o funcionamento inicial da vida psíquica, ligado às demandas do id, orientado pela obtenção de prazer como forma de redução de tensão interna (Freud, [1923]; 2011).

O Ego, surge para mediar os impulsos do Id com as exigências da realidade externa. É responsável por operar segundo o Princípio de Realidade⁸, adiando a satisfação pulsional e encontrando formas possíveis e mais adequadas de realização. No terceiro porquinho, o Ego se manifesta ao construir uma casa sólida e resistente. Essa escolha expressa por intermédio do simbólico a capacidade do porquinho de operar a partir de uma realidade que antecipa um perigo - o lobo - além disso, agir de forma estratégica. Dessa maneira ele reconhece que a realidade impõe limites e que o desejo precisa achar uma maneira de ser negociado, e não eliminado.

Por fim, o Superego representa a internalização de normas sociais, culturais e parentais, por ser herdeiro do Complexo de Édipo e da cultura em que o indivíduo está inserido. (Freud, [1923]; 2011).

4.6 Análise psicanalítica do conto dos Três Porquinhos

Primeiro, é possível que seja feita uma análise morfológica de algumas funções do conto a partir de quatro conceitos descritos por Propp ([1928]; 2006): a interdição, a violação, a prova e a vitória.

A interdição é um aviso que o protagonista recebe ao longo do conto. No caso dos três porquinhos, é quando eles recebem instruções de construir uma casa boa para evitar o lobo.

A violação está diretamente relacionada a interdição, onde o protagonista desobedece ao aviso, como quando os dois primeiros porquinhos não constroem uma casa resistente.

A prova são os desafios que o protagonista passa. No conto faz referência à quando o lobo tenta derrubar a casa dos porquinhos. E por fim vem a vitória, quando o lobo não consegue derrubar a casa do terceiro porquinho, dando assim o final feliz ao porco.

Ademais, o conto de fadas Os Três Porquinhos lida primordialmente com a escolha entre seguir na vida o Princípio de Prazer ou o Princípio de Realidade. Os Três Porquinhos convidam a criança – e o infantil que habita em nós – a uma reflexão de que não devemos ser preguiçosos, porque, se formos, corremos o risco de sucumbir (Bettelheim, [1976]; 2021). Essa leitura corrobora com a ideia de que o conto simboliza o próprio processo de desenvolvimento psíquico, no qual o sujeito precisa abandonar formas anteriores de funcionamento para então poder alcançar um modo mais integrado de ser.

⁸ O princípio de realidade é o mecanismo que, a partir da mediação do ego, substitui a busca imediata pela satisfação pulsional por formas mais adequadas e socialmente aceitas de realização. Ele não nega o prazer, mas adia sua realização, introduzindo a dimensão do tempo, da adaptação ao mundo externo e das exigências sociais (Freud, [1923]; 2011).

Portanto, cada porquinho encarna uma fase desse percurso, desde o Id – regido pelo princípio de prazer –, ao Ego – mediador do Superego em formação. Dessa forma, esse movimento representa simbolicamente o movimento de travessia da infância rumo à maturidade, onde existe uma reconstrução constante do Eu (Bettelheim, [1976]; 2021).

Exemplificando essa ideia o autor nos mostra já no início do conto que o primeiro porquinho constrói sua casa com pressa e sem o menor zelo, utilizando apenas palha; já o segundo, usa tojo. Ambos erguem suas casas sem esforço, prezando apenas em poder brincar o resto do dia - embora o porquinho do meio demonstre algum amadurecimento, visto que tenta construir uma casa um pouco mais considerável que o menor dos porquinhos. (Bettelheim, [1976]; 2021).

Continuamente, até mesmo os materiais utilizados pelos porquinhos mostram como a análise pode ser feita. A partir do momento que o primeiro porquinho constrói a sua casa de palha nota-se a busca pelo prazer imediato e a curto prazo. O segundo porquinho que já realizou um trabalho um pouco mais elaborado - construindo a sua casa de tojo, acolheu o seu prazer, tendo também consciência do que deveria a ser realizado. Por fim, o terceiro porquinho constrói uma casa de tijolos sólida e duradoura (Bettelheim, [1976]; 2021).

Os porquinhos representam então diferentes posições subjetivas, e, o lobo, por sua vez, desempenha uma importante função dentro dessa narrativa. Sua figura pode ser interpretada como uma figura de lei externa, ameaçadora e persecutória, que introduz na história a dimensão de limite e perigo e convoca os porquinhos a abandonar uma posição regida exclusivamente pelo Princípio de Prazer. Dessa forma, pode-se pensar que a narrativa dramatiza a passagem da onipotência infantil para o reconhecimento de limites, condição necessária para a constituição posterior de um Superego interno. (Freud, [1923]; 2011; Bettelheim, [1976]; 2021).

No conto, essa transição torna-se evidente no terceiro porquinho, que foi capaz de viver de acordo com o Princípio de Realidade, não apenas adiando seu desejo de brincar, mas também agindo de maneira responsável. Assim, ele foi capaz de derrotar poderes mais ferozes do que ele – o lobo, pois não foi seduzido e não caiu na armadilha dele. (Bettelheim, [1976]; 2021). Dessa forma, a criança que estava lendo o conto, e que fora convidada, ao longo da história, a se identificar com um dos porquinhos, descobre que desenvolvendo seu Ego, poderá sair vitoriosa, mesmo enfrentando um oponente muito mais forte. (Bettelheim, [1976]; 2021).

Com os três porquinhos representando então, estágios do desenvolvimento do próprio ser humano, o desaparecimento dos dois primeiros personagens não é considerado traumático para quem o experencia. No entendimento de Bettelheim ([1976]; 2021, p. 65) “a criança

compreende inconscientemente que precisamos nos desprender de formas anteriores de existência se quisermos passar para outras mais elevadas”. Dessa forma, encontra-se regozijo pela merecida punição do lobo e pela vitória do mais velho dos porquinhos, não sobrando espaço para sofrer pelo desaparecimento dos outros dois menores. Isso ocorre porque, em termos simbólicos, o sujeito precisa deixar morrer suas formas psíquicas anteriores para que outras, mais estruturadas, possam emergir. Essa leitura dialoga diretamente com a ideia de desenvolvimento psíquico freudiano, no qual o amadurecimento implica renúncia e transformação.

Os três porquinhos orientam a reflexão da criança sobre seu próprio desenvolvimento sem nunca dizer como este deveria se dar, permitindo-lhe extrair suas próprias conclusões. Somente esse processo provê um verdadeiro amadurecimento, enquanto o dizer para a criança o que deve fazer apenas substitui o cativo de sua própria imaturidade pelo cativo da obediência aos ditames dos adultos (Bettelheim, [1976]; 2021, p. 65).

A leitura psicanalítica do conto, portanto, permite compreender que as três figuras não se opõem entre si, mas representam um mesmo sujeito em diferentes momentos de seu amadurecimento emocional. O percurso dos porquinhos reflete a dinâmica do aparelho psíquico, que precisa equilibrar a força pulsional do Id, a mediação do Ego e o surgimento gradual de um Superego capaz de internalizar a lei. Concluindo, (Bettelheim 2021, p. 65) destaca que “mesmo uma criança pequena parece compreender que todos os três são, na realidade um só em estágios diferentes”.

Corso e Corso (2006), em *Fadas no divã*, ampliam e contribuem para essa leitura quando enfatizam que os contos de fadas não só refletem os conflitos internos da criança, mas também oferecem um “roteiro simbólico” para sua elaboração. Os autores destacam que cada um dos porquinhos encarna uma posição subjetiva e distinta diante do perigo: a entrega ao impulso (Id), a tentativa de adaptação superficial e, a construção de um recurso simbólico mais consistente, que é representado pela casa de tijolos. Da forma em que a narrativa é estruturada, é oferecido a criança que ela reconheça em si mesma, essas diferentes posições, e que, além disso, perceba a possibilidade de transformação psíquica, sem que isso seja imposto para ela de uma maneira moralizante. Chegando assim a um desfecho muito similar com a ideia de Bettelheim ([1976]; 2001).

Além disso, para os autores, o lobo encarna uma força que ao mesmo tempo que desestabiliza também impulsiona a criação de defesas mais elaboradas. Segundo eles, ao assistir ao lobo ser derrotado, a criança não só se alinha ao ganho do terceiro porquinho, mas também elabora inconscientemente formas de lidar com suas próprias angústias diante do imprevisível.

Entretanto, embora a leitura psicanalítica de Bettelheim ([1976]; 2001) e Corso e Corso (2006) enfatize a dimensão simbólica e subjetiva dos contos de fada, alguns autores questionam que essas narrativas tenham significados universais e atemporais. Jack Zipes (1983) argumenta que os contos precisam ser compreendidos em seus contextos históricos, sociais e políticos, e que, no caso dos Três Porquinhos, o lobo pode simbolizar forças sociais como a fome, a exclusão ou a violência. Marina Warner (1995) aprofunda essa crítica ao afirmar que os contos não expressam apenas conflitos internos, mas também valores sociais, representações de gênero e relações de poder.

Contudo, faz-se importante lembrar que embora: Zipes (1983) e Marina Warner (1995) apontem a importância de situar os contos de fadas em seus contextos históricos e sociais, esta pesquisa delimita-se ao campo da psicanálise, privilegiando uma leitura simbólica e estrutural do conto.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo analisar o conto “Os Três Porquinhos”, a partir da segunda tópica postulada por Sigmund Freud, associadas às contribuições de Donald W. Winnicott, visando compreender como a narrativa pode expressar simbolicamente aspectos do desenvolvimento psíquico humano. A pesquisa, de caráter teórico, baseou-se em uma revisão integrativa de literatura, tomando como principais referências os escritos de Sigmund Freud, Bruno Bettelheim e Diana Lichtenstein Corso e Mario Corso, além de outros autores que discutem a origem, função simbólica e representações inconscientes dos contos de fada.

A análise possibilitou compreender que “Os Três Porquinhos” ilustra diferentes formas de funcionamento e desenvolvimento psíquico, uma vez que cada porquinho expressa uma forma de relação com o Princípio do Prazer e o Princípio de Realidade. Além disso, esse desenvolvimento simboliza a passagem de condutas mais imediatistas ligadas ao Id, para modos de funcionamento mais integrados e regulados pelo Ego, ilustrando uma trajetória de amadurecimento e organização psíquica.

Em relação a figura do lobo, ela pode ser compreendida como uma representação metafórica da alteridade externa e ameaçadora, que introduz no conto uma dimensão de limite e perigo, pois convoca os porquinhos a se confrontarem com a realidade e abandonarem uma posição regida unicamente pelo Princípio de Prazer, funcionando como um elemento que pode ser estruturante para o desenvolvimento do Ego.

Nesse sentido, o conto cumpre com sua função simbólica, pois fornece suporte para que conteúdos inconscientes possam ser simbolizados, integrados e até mesmo elaborados na relação do sujeito com a narrativa. Entende-se, portanto, que “Os Três Porquinhos” se estende para além de um mero entretenimento.

Entre as limitações deste estudo, destaca-se que este possui um caráter teórico, por se tratar de uma revisão integrativa de literatura, dessa forma, não existe a pretensão de se esgotar o tema ou mesmo abranger todas as leituras possíveis da obra. Por conta disso, sugere-se que futuras pesquisas possam ampliar essa discussão, explorando outros contos de fada sob a ótica da psicanálise, de forma que possam enriquecer a compreensão da função simbólica dessas narrativas.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. História social da criança e da família. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1981.

BETTELHEIM, Bruno. A psicanálise dos contos de fadas [1976]. Tradução de Arlene Caetano. São Paulo: Paz & Terra, 2021.

CALDIN, Cláudia Fortkamp. A oralidade e a escritura na literatura infantil: referencial teórico para a hora do conto. Encontros BIBLI: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, n. 13, p. 1-14, 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2002v7n13p25>. Acesso em: 30 out. 2025.

CASHDAN, Sheldon. Os sete pecados capitais nos contos de fadas: como os contos podem influenciar nossas vidas. Rio de Janeiro: Campos, 2000.

CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. A infância invade o conto de fadas. Cadernos da Appoa, n. 134, p. 43-48, 2005.

CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DISNEY, Walt. Three Little Pigs. EUA: Walt Disney Productions, 1933. Curta-metragem de animação. Direção: Burt Gillett.

FIGUEIREDO, Taicy A. A magia dos contos de fadas. Ciclo de Seminários sobre o jogo simbólico. Brasília: Associação Pró-educação Vivendo e Aprendendo, 1998. Disponível

em: http://inforum.insite.com.br/arquivos/1027/Taicy_-_CONTOS_DE_FADA.doc. Acesso em: 20 nov. 2007.

FREUD, Sigmund. A interpretação dos sonhos. [1900]. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer. [1920]. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico. [1911]. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. Inibição, sintoma e angústia. [1926]. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FREUD, Sigmund. O escritor e a fantasia. [1908]. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

FREUD, Sigmund. O eu e o id. [1923]. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. O inconsciente. [1915]. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GÓES, Lúcia Pimentel. Introdução à literatura infantil e juvenil. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1991.

HALLIWELL, James Orchard. Nursery Rhymes of England. London: [s.n.], 1843. Disponível em: <https://archive.org/details/nurseryrhymesofe00halluoft>. Acesso em: 8 dez. 2025.

HILLESHEIM, Betina; GUARESCHI, Neuza Maria de Fátima. Contos de fadas e infância(s). Educação e Realidade, v. 31, n. 1, p. 107-126, 2006. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3172/317227043004.pdf>. Acesso em: 30 out. 2025.

HISADA, Satie. A utilização de histórias no processo psicoterápico: uma visão Winnicottiana. Rio de Janeiro: Revinter, 1998.

HISADA, Satie. Conversando sobre psicossomática. Rio de Janeiro: Revinter, 2003.

JACOBS, Joseph. English Fairy Tales. London: David Nutt, 1890. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=-EOAAAAQAAJ>. Acesso em: 8 dez. 2025.

LIMA, Taís Aparecida Costa. A função simbólica das histórias infantis e as fantasias inconscientes. Blog do Rogerinho, 2015. Disponível em: <https://blogdorogerinho.wordpress.com/2015/02/08/a-funcao-simbolica-das-historias-infantis-e-as-fantasias-inconscientes/>. Acesso em: 30 out. 2025.

LUBETSKY, Martin J. The magic of fairy tales: psychodynamic and developmental perspectives. *Child Psychiatry and Human Development*, v. 19, n. 4, p. 245-255, 1989. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/BF00705954>. Acesso em: 30 ago. 2025.

MELLI, Rosana Aparecida; GIGLIO, Joel Sales. Enquanto o seu lobo não vem... Contos de fadas na escola? *Psico-USF*, v. 4, n. 1, p. 13-23, 1999.

OLIVEIRA, Cristiane Madanêlo de. Presença da fada madrinha nas versões do conto Cinderela. *Grau Dez.* 2001. Disponível em: <http://www.graudez.com.br/litinf/trabalhos/contosdefadas.htm>. Acesso em: 3 set. 2025.

OLIVEIRA, Francisco O. Contos de fada. *Revista de Psicologia Plural*, n. 5, p. 13-16, 1993.

POSSE, M. Psicoterapia jungiana para la somatización. *The European Journal of Psychiatry*, v. 18, n. 1, p. 23-30, 2004.

PROPP, Vladimir. Morfologia do conto maravilhoso. [1928]. Tradução de Jasna Paravich Sarhan. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

RADINO, Gloria. Contos de fadas e a realidade psíquica: a importância da fantasia no desenvolvimento. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

RADINO, Gloria. Oralidade, um estado de escritura. *Psicologia em Estudo*, v. 6, n. 2, p. 73-79, 2001.

ROBINSON, Orrin W. Rymes and reasons in the Grimms Kinder und hausmarchen. *The German Quarterly*, v. 77, n. 1, p. 47-58, 2004. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/3252148>. Acesso em: 30 ago. 2025.

ROUDINESCO, Élisabeth; PLON, Michel. Dicionário de psicanálise. Tradução de Vera Ribeiro e Lucy Magalhães; supervisão da edição brasileira Marco Antonio Coutinho Jorge. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SILVA, Alexander Meireles da. O conto de fada e a problemática do pertencimento social. *Revista Espaço Acadêmico*, v. 4, n. 39, p. 1-5, 2004.

SOUZA, Maria Thereza Costa Coelho de. Valorizações afetivas nas representações de contos de fadas: um olhar piagetiano. *Boletim de Psicologia*, v. 55, n. 123, p. 205-232, 2005.

Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/bolpsi/v55n123/v55n123a07.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2025.

SOUZA, M. T.; SILVA, M. D.; CARVALHO, R. Revisão integrativa: o que é e como fazer. *Einstein (São Paulo)*, v. 8, n. 1, p. 102–106, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eins/a/ZQTBkVJZqcWrTT34cXLjtBx/?lang=pt>. Acesso em: 7 dez. 2025.

TANIS, Bernardo. O infantil na psicanálise: memória e temporalidades. 2. ed. São Paulo: Blucher, 2021.

TURKEL, Ann Ruth. From victim to heroine: children's stories revisited. *Journal American Academy of Psychoanalysis*, v. 30, n. 1, p. 71-81, 2002.

UM CONTO de fadas: a história dos Três Porquinhos. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Edição digital. Rio de Janeiro: Zahar, out. 2012. E-book (Kindle). Disponível em: <https://ler.amazon.com.br/?asin=B00HSNYYOU>. Acesso em: 8 dez. 2025.

WARNER, Marina. From the Beast to the Blonde: On Fairy Tales and Their Tellers. London: Vintage, 1995.

WINNICOTT, Donald Woods. O Brincar e a Realidade. Trad. José Octávio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

ZILBERMAN, Regina. A literatura infantil na escola. 10. ed. São Paulo: Global, 1998.

ZIPES, Jack. Fairy Tales and the Art of Subversion. New York: Routledge, 1983.